

## O DISCURSO INTOLERANTE NA INTERNET: ENUNCIÇÃO E INTERAÇÃO

Diana Luz Pessoa de Barros  
Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Universidade de São Paulo  
CNPq

Este estudo dá continuidade a trabalhos anteriores sobre os discursos preconceituosos e intolerantes. Em alguns deles, procuramos mostrar, na perspectiva da semiótica discursiva francesa, como se constroem esses discursos, quais são suas características gerais, sejam eles discursos racistas, homofóbicos, puristas, etc., manifestados em diferentes esferas de ação, gêneros e tipos discursivos. Estabelecemos três características principais dos discursos intolerantes: do ponto de vista narrativo, são discursos de sanção aos sujeitos considerados como maus cumpridores de certos contratos sociais; são discursos passionais, em que prevalecem as paixões do ódio e do medo em relação ao “diferente”; desenvolvem temas e figuras a partir da oposição semântica fundamental entre a identidade e a diferença.

O estudo atual, mais do que resultados de pesquisa, reúne algumas reflexões sobre o discurso intolerante na internet. Constitui, assim, uma espécie de protocolo de intenções de um projeto em desenvolvimento. O objetivo é apontar, a partir dos traços gerais dos discursos preconceituosos e intolerantes, algumas particularidades desses discursos na internet, principalmente em relação a três características principais: a definição desses discursos quanto às modalidades falada e escrita, e a seus efeitos de sentido na interação entre os sujeitos envolvidos na comunicação; a organização enunciativa dos discursos na internet, sobretudo nas redes sociais; os percursos temáticos e figurativos neles construídos. A partir daí, a finalidade última é examinar as questões de “autoria” na internet e a do direito ou não à liberdade de pensamento, de expressão e de manifestação dos preconceitos e das intolerâncias. Essas questões estão bastante presentes nas discussões da imprensa brasileira atualmente.

### 1. As modalidades falada e escrita e seus efeitos de sentido

No texto “Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias” (Barros, 2000), apontamos as dificuldades de se fazer uma distinção rígida entre escrita e fala e a existência de certa continuidade e de posições intermediárias entre os pontos extremos em que se caracterizam idealmente língua falada e língua escrita. Os textos da internet exemplificaram boa parte desses pontos intermediários entre fala e escrita “ideais”. Quatro aspectos foram observados no artigo mencionado, de que retomaremos apenas três neste texto: as características temporais, espaciais e actoriais do discurso falado e escrito. Não vamos tratar aqui dos elementos do plano da expressão desses discursos.

Em relação ao tempo, foram examinados três traços da fala e da escrita, decorrentes da concomitância ou não concomitância da elaboração (planejamento) e da produção do discurso, e da aspectualização do tempo como contínuo (durativo) ou descontínuo (pontual). Idealmente, a escrita é planejada antes de sua realização, não apresenta, por isso mesmo, marcas de formulação e de reformulação, e suas unidades “duram” mais do ponto de vista da dimensão e da complexidade; a fala não é planejada antecipadamente e, por essa razão, apresenta traços de formulação e de reelaboração, e ocorre fragmentada em jatos ou borbotões.

Os textos na internet ora se aproximam da caracterização temporal ideal da fala, como nos “bate-papos” por computador, que não são planejados antecipadamente, apresentam traços de reelaboração e são fragmentados, ora da da escrita, como na troca de e-mails, em que não há concomitância temporal, nem marcas de formulação. Ocupam, porém, posições sempre intermediárias entre os pontos extremos da fala e da escrita ideais.

A caracterização ideal da fala e da escrita em relação ao tempo mostra que a fala produz, em geral, os efeitos de sentido de informalidade (decorrentes da falta de planejamento e do oferecimento de pistas de sua elaboração e de suas revisões) e de incompletude (o texto vai sendo construído na interação como algo passageiro, que não se conserva), e a escrita os efeitos contrários de formalidade e acabamento ou completude (Barros, 2006 e 2011a). Os textos da internet do tipo bate-papo produzem aproximadamente os mesmos efeitos que os da fala e os das trocas de e-mails, mais próximos da escrita, são considerados formais ou informais, menos ou mais acabados, mas não tão completos quanto a escrita ideal.

Esses efeitos de sentido são determinados positiva ou negativamente. Assim, a informalidade e a incompletude da fala podem ser valorizadas positivamente, pois constroem discursos mais “francos, sinceros, subjetivos, cúmplices, atuais, novos, verdadeiros”, ou negativamente, porque produzem discursos com “envolvimento excessivo, incompletos, mal elaborados, efêmeros”. O mesmo ocorre com a escrita.

Em relação ao espaço, a fala é caracterizada pelo efeito de sentido de presença, em um mesmo espaço, dos sujeitos envolvidos na conversação, que, dessa forma, partilham o mesmo contexto situacional. No texto escrito, por sua vez, o destinatador e o destinatário não se encontram em um mesmo espaço. Na internet, duas questões se apresentam em relação ao espaço: a presença dos interlocutores e do contexto pode ser dada por duas ordens sensoriais, a visual e a auditiva, mas não pelas demais (tátil, gustativa e olfativa); a internet cria a presença virtual dos interlocutores (e do contexto), que estão na “mesma sala de bate-papo”, que estão *online*, que entram e saem da sala, que mostram o espaço em que estão (Skype, etc.). Essa virtualidade de espaço tem sido apontada por neurocientistas como substituindo a presença “real”, ou seja, como produzindo os mesmos efeitos de “presença”.

Decorrem da definição espacial “ideal” de fala e escrita os efeitos de sentido de proximidade e de distanciamento, que também podem ser valorizados positivamente como cumplicidade, envolvimento afetivo, emocional e corporal, no caso da fala, e como afastamento objetivo e racional, no da escrita. A valoração negativa atribui à fala excesso de intimidade e falta de objetividade, e à escrita, ausência de cumplicidade, de subjetividade e de envolvimento. A “presença virtual” da internet constrói os mesmos efeitos de proximidade e envolvimento da fala, mas com certo distanciamento e objetividade da escrita.

Em relação ao ator, termo empregado pela semiótica para tratar dos sujeitos que assumem papéis na organização narrativa do discurso, que são investidos pela categoria linguística de pessoa e preenchidos por temas e figuras do discurso, foram examinados sobretudo os papéis narrativos, temáticos e figurativos que esses atores assumem nos textos falados e escritos e os diferentes investimentos que recebem da categoria de pessoa. Nessa perspectiva, a fala, em sua realização ideal, é uma conversação construída coletivamente por falante e ouvinte, com alternância desses papéis. O texto escrito “pleno”, por sua vez, tem elaboração “individual” do escritor e não alterna os papéis de escritor e leitor. Os efeitos de sentido obtidos são, principalmente, a descontração, a cumplicidade, a simetria e a reciprocidade entre interlocutores, no texto falado, em oposição à formalidade e à assimetria dos sujeitos da escrita. Os efeitos de sentido da

organização dos atores na fala e na escrita são, também, valorizados positiva ou negativamente nos diferentes discursos. Na comunicação na internet, há alternância de papéis e reciprocidade ente os interlocutores, que dão à internet, em geral os mesmos efeitos de sentido da fala “ideal”, apesar das marcas de escrita já mencionadas.

Retomando os efeitos de sentido temporais, espaciais e actoriais dos textos falados e escritos, obtêm-se, em síntese, os efeitos de proximidade, subjetividade, descontração, informalidade, incompletude, simetria, reciprocidade, cumplicidade, para a fala, e de distanciamento, formalidade, completude, assimetria, afastamento para a escrita, com valorações positivas e negativas nos dois casos.

Esses traços de caracterização da fala e da escrita ideais estão relacionados com o emprego das categorias enunciativas de pessoa, tempo e espaço, que produzem efeitos de aproximação ou distanciamento da enunciação (ver, a esse respeito, Fiorin, 1996, Barros, 2000 e 2002). A semiótica discursiva distingue dois tipos de discursos: os projetados em primeira (e segunda) pessoa, no tempo do “agora” e no espaço do “aqui”, que caracterizam uma enunciação enunciada, e os organizados em terceira pessoa, no tempo do “então” e no espaço do “lá”, que são ditos enunciados enunciados. Os discursos do primeiro tipo (enunciação enunciada) produzem efeitos de sentido de aproximação da enunciação e de relação dialógica entre sujeitos, e constroem interações predominantemente sensoriais e emocionais. Os discursos do segundo tipo (enunciado enunciado) criam efeitos de distanciamento da enunciação e de um certo “monologismo” na interação, e constroem interações predominantemente racionais ou intelectuais. Se, na escrita, os dois tipos de discurso são encontrados, na fala, os discursos são, por princípio, enunciações enunciadas, mais sensoriais e emocionais. Os discursos na internet também empregam predominantemente o “eu-aqui-agora” da enunciação enunciada.

Em relação à comunicação na internet, pudemos assim apontar sua posição intermediária entre a fala e a escrita, em relação ao tempo, ao espaço e aos atores. Esse lugar pode ser definido como um neutro, nem escrita, nem fala, ou como um complexo, tanto fala, quanto escrita. No primeiro caso, ocorreria a negação dos sentidos de fala e de escrita, no segundo, sua junção. Podemos dizer, portanto, que, com a neutralidade, a interação na internet não é nem próxima nem distante; nem descontraída, nem formal; nem completa, nem incompleta, nem simétrica, nem assimétrica; nem subjetiva, nem objetiva. Ela é outra coisa, pertence a outras categorias semânticas, quem sabe a da virtualidade de tempo, de espaço e de atores, com sensações, emoções e afetos também virtuais. Cabe, nesse caso, definir semioticamente essa virtualidade. Um caminho é dado pelos estudos sobre as modalidades e sobre a tensividade dos discursos (Fontanille e Zilberberg, 2001, Zilberberg, 2006).

Quando definida pela complexidade, a comunicação na internet é, ao mesmo tempo, próxima e distante; descontraída e formal; completa e incompleta, simétrica e assimétrica; subjetiva e objetiva. Nesse caso, ela tem seus sentidos exacerbados, já que engloba as possibilidades de interação das duas modalidades, como, por exemplo, em sua interatividade intensa, na longa conservação de seus conteúdos e na grande extensão de seu alcance. Os estudos de tensividade na semiótica permitem dizer que ela dá maior tonicidade e intensidade a algumas características da fala, como a interatividade, e, ao mesmo tempo, aumenta a extensão da escrita, que dura mais, que não é passageira como a fala e que estende seu alcance comunicacional. A Folha de S. Paulo, em 1º de dezembro de 2013, ao apresentar de forma didática, os riscos da internet, diz, por exemplo, entre outras informações, que “na internet tudo é para sempre”. No momento, trabalharemos com essa caracterização da interação na internet.

Deve-se considerar ainda que se não são as mesmas as funções históricas e sociais da fala e da escrita, tendo em vista as características apontadas das duas modalidades, tampouco são iguais as funções históricas e sociais da comunicação na internet, que ocupa posições intermediárias entre os dois extremos “idealmente” elaborados da fala e da escrita, e que se define como termo neutro ou complexo em relação a essa posição extrema.

## 2. A interação na internet

A partir dessa definição feita com base nas modalidades falada e escrita, são agora examinados textos que mostram, de forma explícita ou implícita, o papel da internet (redes sociais, blogs, jornais online, etc.) em acontecimentos atuais diversos, para que se extraiam algumas das características atribuídas a esse tipo de comunicação, quer seja ela considerada para o “bem” ou para o “mal”.

O linchamento de Fabiane Maria de Jesus, no início de maio de 2014, foi desencadeado por *Guarujá Alerta*, um perfil noticioso no Facebook, que publicou a foto de uma mulher parecida com ela, que estava sendo medievalmente acusada de sequestrar menores para rituais de magia negra. Embora a página tenha dito que havia um “rumor” ou “boato”, fez o seguinte alerta: “Se é boato ou não, vamos ficar alertas”. Renato Sérgio de Lima, coordenador do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pesquisador da FGV disse, na Folha de S. Paulo de 6 de maio, que “a internet potencializou essa cultura de ódio”. Os que assistiam ao linchamento e que nada fizeram para impedi-lo gravaram a agressão com celulares e puseram na internet... Esse foi um caso de engano causado pela internet. A foto havia sido postada em São Paulo e no Rio, há mais de um ano, para alertar sobre uma loira que sequestrava crianças. A mulher que foi assassinada havia tingido o cabelo de loiro no dia do crime.

Alguns traços dos discursos na internet podem ser apontados nesse texto. Os dois principais são a potencialização da mensagem e o alargamento da comunicação, que atinge milhões e que se espraia para fora da internet, adquirindo a cor “local” das “fofocas” de cidadezinhas de interior. Essas características foram já explicadas pela complexidade do discurso na internet, ao mesmo tempo fala e escrita, que, nesse discurso, intensifica a interatividade da fala e aumenta a extensão e a duração da escrita. Tais atributos da internet podem fazer o sucesso de artistas ou de pessoas “comuns”, mas podem também provocar ondas enormes de preconceito e de intolerância, verdadeiros tsunamis.

Um caso de sucesso é observado, por exemplo, em texto do New York Times, em encarte da Folha de S. Paulo (29 de abril de 2014, p.1), que conta a história de um artista de Nova Iorque, Hansky, que fundiu, em um muro, grafites do artista britânico Banksy com o rosto de Tom Hanks, e mandou uma foto para um site especializado em arte de rua. O sucesso gerado na internet rendeu-lhe várias exposições e venda de obras. Para criar e manter essa empolgação que lhe garantiu sucesso, uma das estratégias usadas por Hansky foi esconder da imprensa sua verdadeira identidade: “Há um pouco mais de fascínio ou empolgação quando esse véu de anonimato está no ar”, disse ele. “Quero continuar anônimo e me divertir com isso”. Novos traços semânticos do discurso da internet aparecem nesse texto: o do anonimato, o da diversão e, principalmente, o da veridicção, que ocorreu também no texto citado sobre o linchamento.

A veridicção, ou seja, as relações modais entre o ser e o parecer, que determinam os discursos como verdadeiros, mentirosos, secretos ou falsos, e levam seus destinatários a neles acreditar ou não, tem na internet características próprias. Se os

textos de “histórias de pescador” são, por definição, interpretados como falsos, isto é, que nem parecem nem são verdadeiros, os da internet são, em geral, considerados verdadeiros, ou seja, que parecem e são verdadeiros, tendo em vista a grande quantidade de saber que a internet armazena. Mais do que isso, eles são discursos que desmascaram a mentira, que parece, mas não é verdadeira, ou revelam o segredo, que não parece, mas é verdadeiro. O destinatário do discurso na internet, que dele se considera parte, pela interatividade intensa já mencionada, e mais ainda “autor-destinador”, acredita e confia nesse discurso.

O anonimato e a diversão estão relacionados e dizem respeito à questão de “autoria” e dos laços entre o público e o privado. O anonimato de artistas e escritores sempre existiu, por razões diversas, entre as quais a de causar prazer, ao se colocar no percurso temático da “diversão”, do “entretenimento”. Esse tema é, sem dúvida, um dos temas que caracterizam o discurso na internet.

O anonimato está, porém, em outros textos, relacionado à irresponsabilidade, e, nesse caso, é moralizado negativamente pela sociedade e relacionado à covardia. Em nossa sociedade, a coragem é valorizada. A questão da autoria é fundamental na construção de textos. Para a construção do efeito de autoria são usados nos discursos procedimentos sintáticos e semânticos. As estratégias usadas na sintaxe do discurso dizem respeito ao emprego das pessoas do discurso, acima mencionado, e procuram produzir efeitos de “autoria” (em geral, com o uso do “eu” discursivo) ou de apagamento desse efeito (em geral, com o emprego do ele do discurso). Os recursos semânticos são, principalmente, os da tematização e da figurativização dos atores do discurso, que, em uma totalidade de discursos, constroem o ator da enunciação, com valores, emoções, saberes, crenças, corpo. O anonimato permite a construção do sujeito da enunciação, mas não do ator. A ausência da totalidade discursiva, e, portanto, do ator da enunciação permite apenas a construção do ator narrador de um texto específico. Ora, o narrador é uma voz delegada pelo enunciador, que não tem, portanto a responsabilidade última do discurso que narra.

É o que ocorre, por exemplo, em textos sobre a questão passional da vingança e, sobretudo, a da hoje chamada “vingança pornô”, e nos do aplicativo Lulu (o dos homens se chama Tubby e surgiu depois do Lulu), em que mulheres avaliam o perfil de homens, atribuindo-lhes notas e comentários, indexando os homens com *hashtags* como #maisbaratoquepãonachapa, #piormassagemdomundo, #curteoromerobritto, #apaixonadopelaex. Na “vingança pornô”, quando relacionamentos são desfeitos, um dos parceiros, em geral o homem, resguardado pelo anonimato, coloca na internet fotos e vídeos sensuais do outro parceiro. É quase impossível parar a propagação desses conteúdos, cujo objetivo é causar, em geral, humilhação.

Além da questão passional dos discursos da internet, com a vingança, o ressentimento e a “justiça histórica” (no Lulu), de que tratará o item sobre preconceito e intolerância, e das da duração da internet, em oposição ao caráter passageiro da fala, e da “brincadeira” do anonimato, já exploradas, precisam ser examinadas, nos textos citados, a questão da privacidade, na relação entre o público e o privado, com os riscos à reputação, causados pela exposição negativa na internet, e a do anonimato irresponsável.

Para tanto, devem ser ainda observadas algumas decorrências tanto da “vingança pornô”, quanto do aplicativo Lulu, que mostram que vinganças e brincadeiras têm longo alcance e são levadas a sério. A imprensa tem noticiado que o procedimento de vingança faz vítimas (Folha de S. Paulo, 1º de dezembro de 2013, C1). Em novembro de 2013, duas meninas, de 16 e 17 anos, se suicidaram após serem expostas na internet. Quando adolescentes estão envolvidos, essa vingança contribui também com a

pornografia infantil. No caso do aplicativo Lulu, os advogados Fernando Castelo Branco e Frederico Figueiredo no texto "#Lulu #injúria (Folha de S. Paulo, 4 de dezembro de 2013, A3) fazem ameaças com ações cíveis às mulheres que usam o Lulu: "O Código penal, por sua vez, tipifica como injúria, punível com pena de detenção, ofensa à dignidade ou decoro de outra pessoa. Por isso, menina, #cuidado!". Outro tipo de resposta ao Lulu, foi o de um grupo de quatro empresários que conseguiu 1 milhão de reais com o serviço Lulu Fake, que cobra R\$24,90 por avaliações artificiais no aplicativo, pois, em apenas 5 dias, 2000 homens pagaram para ter uma melhor avaliação no Lulu. Os empresários usaram isso como teste de um sistema que vai monitorar a reputação do usuário na internet (Folha de S. Paulo, 5 de dezembro de 2013, mercado 2, p.4).

A questão do público e do privado merece exame cuidadoso. Tudo indica que, tal como ocorreu em relação às modalidades falada e escrita, o discurso da internet define-se pelo termo complexo privado e público, ou seja, pela ruptura da oposição entre privado e público. O domínio do público é regulamentado pela lei, pela regra, o do privado é o das variações e preferências individuais. Na internet, preferências individuais, próprias da privacidade do sujeito são expostas e submetidas às leis públicas ou se tornam regras públicas. Daí as humilhações e suicídios das jovens expostas e a preocupação em monitorar a imagem e reputação do sujeito na internet.

Essa continuidade entre o público e o privado é, provavelmente, resultante das características já apontadas do discurso da internet: o sujeito do discurso da internet é instalado como um sujeito do poder que a interatividade intensificada, a extensão e propagação alargadas, e o anonimato lhe dão. Dotado de poder, ele se coloca como um homem público, mas anônimo, que pode, sem riscos, expor suas preferências, sentimentos e emoções privadas e fazer delas regras públicas.

As leis da internet, nos diferentes países, tratam de três temas fundamentais aos estudos dos discursos da internet: a da proteção da privacidade, estabelecendo os direitos e deveres dos usuários, para evitar casos como os acima mencionados e os de intolerância e preconceito na rede, de que tratemos a seguir; o da neutralidade da rede, determinando os direitos e deveres das empresas de telecomunicação, páginas da internet e governo; o da liberdade de expressão que pode ser prejudicada com tantos deveres e direitos ou, ao contrário, que pode ocasionar "vinganças" e intolerâncias.

### 3. Intolerância e preconceito na internet

A partir das características apontadas, em trabalhos anteriores, para os discursos intolerantes em geral, e das que foram acima identificadas como atributos gerais dos discursos na internet, a intenção agora é mostrar os traços específicos dos discursos preconceituosos e intolerantes na internet.

Os discursos intolerantes não constituem um gênero textual ou discursivo, pois para definir um gênero é necessário que haja estabilidade de composição, de temática e de estilo, no âmbito de uma dada esfera de ação (religiosa, midiática, escolar, familiar, política, etc.). Os discursos intolerantes participam de várias esferas de ação (política, religiosa, familiar) ou mesmo de todas, e têm composição e estilos também diferentes, só podendo ser classificados tematicamente, ou seja, pela organização do plano do conteúdo. Há, portanto, discursos intolerantes de gêneros diversos (notícias, sermões, bate-papo, etc.) e de tipos diferentes (narrativo, descritivo, etc.). Os discursos na internet podem ser ou não preconceituosos e intolerantes.

Para os fins deste estudo, serão apontadas apenas as três características dos discursos intolerantes mencionadas na introdução: é um discurso de sanção; é um

discurso passional, em que prevalecem as paixões do ódio e do medo em relação ao diferente; desenvolve temas e figuras a partir da oposição semântica fundamental entre a igualdade ou identidade e a diferença ou alteridade. Para maior desenvolvimento dessas características e de outras, remetemos a alguns de nossos trabalhos sobre a questão (2008a, 2008b, 2008c, 2011b).

O discurso intolerante é, do ponto de vista narrativo, um discurso de sanção aos sujeitos considerados como maus cumpridores de certos contratos sociais (de *branqueamento da sociedade*, de *pureza da língua*, de *heterossexualidade* e outros). E que, portanto, são reconhecidos como maus atores sociais, maus cidadãos (*pretos ignorantes*, *maus usuários da língua*, *índios bárbaros*, *judeus perigosos*, *árabes fanáticos*, *homossexuais promíscuos*) e punidos com a perda de direitos, de emprego ou até mesmo com a morte.

Os discursos intolerantes são, em relação às paixões construídas nos discursos (ver para estudos semióticos das paixões, Greimas e Fontanille, 1993), fortemente passionais, e seus sujeitos são, assim, sempre sujeitos apaixonados. Predominam, nesses discursos, dois tipos de paixões – as paixões ditas malevolentes (antipatia, ódio, raiva, xenofobia, etc.) ou de querer fazer mal ao sujeito que não cumpriu os acordos sociais acima mencionados, e as paixões do medo do “diferente” e dos danos que ele pode causar.

O percurso passional da malquerença foi descrito por Greimas (1983) em estudo sobre a cólera. O sujeito parte de um estado inicial de espera confiante, em que quer conseguir certos valores e acredita que outro sujeito fará com que ele os obtenha. Ao tomar conhecimento de que isso não acontecerá, ou seja, de que aquele em quem confiou nada fará para que ele consiga os valores desejados ou mesmo fará com ele não os obtenha, o sujeito sofrerá as paixões da decepção e da frustração e, com o crescimento da tensão, as do desespero e da insegurança. Sem os valores almejados e em crise de confiança, o sujeito procurará resolver sua falta e passará a querer fazer mal a quem o colocou, segundo o simulacro construído, nessa situação (Barros, 1990). O sujeito do ódio em relação ao “diferente”, ao estrangeiro, ao “mau” usuário da língua, aos de outra “cor”, direção sexual ou religião, é também o sujeito do amor à pátria, à sua língua, ao seu grupo étnico, aos de sua cor, à sua religião, ou seja, complementam-se as paixões malevolentes do ódio em relação ao “diferente” e as paixões benevolentes do amor aos “iguais”.

Distinguem-se, semioticamente, duas etapas nos percursos passionais do ódio, que, em geral, ocorrem juntas nos discursos. A primeira, descrita acima, é aquela em que o sujeito se torna malevolente em relação ao outro, que, “diferente”, não cumpriu o contrato de identidade, e benevolente em relação aos iguais, aos idênticos. Essa primeira etapa, a mais passional da intolerância, é a do preconceito. A segunda fase, a da intolerância propriamente dita ou da discriminação, é aquela em que o sujeito preconceituoso (decepcionado, frustrado, desesperado, inseguro e que tem ódio) passa à ação, ou seja, completa sua competência e age contra o outro (o causador da falta, o odiado). Greimas, no texto citado (1983), propõe, nesse caso, as ações apaixonadas de vingança ou de revolta, que se distinguem, assim, da justiça desapaixonada. É o caso, por exemplo, dos linchamentos acima mencionados, em que a descrença na justiça é um dos fatores que levam à vingança (ou a fazer “justiça” de forma passional) ou da “vingança pornô”, ação também fortemente determinada pelo ódio ao outro.

Em relação às paixões do medo, foram retomados os estudos de Iuri Lotman (1981) e de José Luiz Fiorin (1992) sobre os conceitos de vergonha e de medo. Os dois autores consideram que o medo é inerente à natureza humana e necessário à sobrevivência da espécie. Fiorin distingue dois tipos de medo: o medo dissuasório, que

leva o sujeito a agir segundo determinada norma social, ou seja, o medo da sanção pragmática negativa do destinador; e o medo do outro, do antissujeito, que ocorre, sobretudo, nas situações de desigualdade social, ou seja, o medo das ações do outro e das privações por ele ocasionadas. É esse medo do outro, do diferente, que, geralmente, caracteriza o discurso intolerante.

Ter medo é, em geral, moralizado negativamente pela sociedade, e a coragem, como já dissemos, fortemente valorizada. No entanto, nos discursos intolerantes, o medo do outro (de sua violência, imoralidade, etc.) e das perdas que ele poderá ocasionar (falta de emprego, de moradia, de vaga na universidade, de segurança, etc.), segundo os simulacros construídos, serve como justificativa para as ações intolerantes. As paixões do medo juntam-se às paixões do ódio ou provocam essas paixões malevolentes, e fazem crescer de intensidade os percursos passionais e as ações intolerantes.

Um exemplo de intolerância na internet, no caso, de discurso racista, pode ser encontrado nas redes sociais, por ocasião de eleições no Brasil e no Peru. Esses discursos apontam a existência, em certas camadas sociais, do contrato de branqueamento, rompido por candidatos e eleitores, e a sanção negativa apaixonada que sofrem por essa ruptura, com as paixões do ódio e do medo.

No dia seguinte à vitória de Dilma Rousseff na disputa pela presidência da República, a rede de microblogs Twitter apresentou muitas manifestações de preconceito e intolerância contra os nordestinos:

É tudo culpa dos nordestinos..... seca eterna para vocês!!!! Dilma presidente Parabéns povo burro!!

Nordestino não é gente. Faça um favor a SP: mate um nordestino afogado.

A última frase, que incita à violência, não foi publicada anonimamente e sua autora, a estudante de direito Mayara Petruso, foi condenada pela justiça.

Manifestações semelhantes ocorreram no Peru, um ano depois, por ocasião da eleição de Humala Ollanta:

Uma onda de racismo tomou conta da internet, dos jornais e das redes sociais peruanas diante da vitória do candidato da esquerda, no primeiro turno do pleito presidencial. (...) Na internet, blogs e o Facebook amanheceram lotados de xingamentos aos “cholos” (termo depreciativo para se referir a indígenas) e “índios” favoráveis a Humala. “Porcaria de cholo, se você for presidente eu prefiro ser preso”, dizia um internauta. “Ollanta é um índio de merda, e todos os pobres votam nele porque vai tirar o dinheiro das pessoas normais”, afirmava outro. (...) Até os jornais peruanos entraram na guerra suja verbal. No editorial de ontem do jornal “Peru21”, o diretor Fritz Du Bois afirmava: “É tão evidente a tentativa de Humala de se branquear e se apresentar como moderado que é difícil dar resultados”. No diário “Correo”, o diretor ultraconservador Aldo Mariatégui foi mais longe e disse que “já começou a operação de pentear o macaco”. (Folha de S. Paulo, 11 de abril de 2011, p. A17).

Nos dois textos, os nordestinos, o candidato de origem indígena e os seus eleitores não cumpriram o contrato de “branquear a sociedade” e de conservar sua “normalidade” e caráter humano, e são, por isso, sancionados negativamente, e com paixão. No caso brasileiro aparecem, sobretudo, as paixões malevolentes do ódio e as



ações intolerantes de vingança: seca eterna e afogamento,... sempre na isotopia da água. Nos textos peruanos, além da paixão do ódio, expressa nos xingamentos, explicita-se também o medo das perdas ocasionadas pelo “diferente”: “Ollanta é um índio de merda, e todos os pobres votam nele porque vai tirar o dinheiro das pessoas normais”.

Finalmente, os discursos intolerantes desenvolvem temas e figuras a partir da oposição semântica fundamental entre a igualdade ou identidade e a diferença ou alteridade, e, com base nisso, constroem quatro percursos temáticos e figurativos mais frequentes: o da animalização e desumanização do “outro”, a que são atribuídos traços físicos e características comportamentais de animais; o da “anormalidade” do diferente, que é e age contra a “natureza”; o do caráter doentio e esteticamente condenável da diferença, pois, nesse percurso, o diferente é considerado como doente e como louco, em oposição aos sadios de corpo e mente, e, enquanto “doente”, também como feio; o da imoralidade do “outro”, de sua falta de ética.

Além dos exemplos acima, que dizem que “Nordestino não é gente” e, no Peru, que o candidato de origem indígena, assim como os que nele votam, são animais (macacos) e não são normais, mais um texto da internet, no caso de comunicação por e-mail, mostra os temas da anormalidade, da imoralidade e do caráter doentio do “outro”, desenvolvidos nos discursos preconceituosos e intolerantes:

Irado com a eleição de dois colegas homossexuais para coordenadores-gerais do Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina de Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, um estudante do 2º ano conclamou os colegas por e-mail:

Está na hora de unirmos forças e, veladamente, fazer o que nos couber para dar fim – pouco a pouco – nesta peste. (...) O que resta a nós, seres normais, a não ser sentir vergonha e observar inquietos nosso país cair em decadência? (...) Eu vos digo, futuros colegas: e se a solução fosse cada um de nós tomarmos uma atitude no momento em que essa escória nos procurar para curar suas doenças venéreas e demais pragas de seus corpos nojentos?”(Folha de S. Paulo, 9 de dezembro de 2010, p.C10).

Em síntese, o discurso intolerante considera o “diferente”, o “outro” como aquele que rompe pactos e acordos sociais, por não ser “humano”, por ser contrário à “natureza”, por ser doente e sem ética ou estética, e que, por isso mesmo, é temido, odiado e punido.

As características apontadas do discurso intolerante mostram que se trata de um discurso marcado pela intensidade das paixões, mas, ao mesmo tempo, nos percursos temáticos, muitas vezes relacionados ao discurso científico, e na organização narrativa, que justifica o preconceito e a intolerância com o não cumprimento de contratos sociais, ocorre também a extensão racional que mascara o caráter passional da intolerância. Por sua vez, os traços definidores aqui apontados para os discursos da internet, indicam que há neles: exacerbação da intensidade na interação e da extensão na duração e alcance desses discursos; negação da oposição entre público e privado; instalação do sujeito discursivo como homem público, mas anônimo, do ponto de vista da “autoria” do ator da enunciação; e também como sujeito confiável, pois apresenta a verdade e o saber, mas sem responsabilidade sobre o que diz. Já dissemos que qualquer tipo de discurso pode ser um discurso intolerante e preconceituoso, tal como aqui definido, e mostramos que há discursos preconceituosos e intolerantes na internet, de diferentes gêneros e tipos. Resta dizer, que o discurso na internet, com as características apontadas, tem todos os requisitos para facilitar a construção, a divulgação e a intensificação de

discursos intolerantes e preconceituosos. Essa exacerbação do discurso na internet, tanto de intensidade, quanto de extensão, facilita o aparecimento dos discursos preconceituosos e intolerantes, sua divulgação e, principalmente, o desenvolvimento de ações intolerantes, em geral de vingança apaixonada, pois mobiliza fortemente um número enorme de usuários da rede, que acreditam nesse “homem público” que a internet constrói, e em quem, pelo poder e saber que foram atribuídos a esse homem público, eles acreditam. Isso, do ponto de vista do destinatário. O destinador, construído como “homem público”, com poder e saber, e, surpreendentemente, anônimo, às margens da oposição entre o público e o privado, sente-se, de certa forma, na obrigação de manifestar seus preconceitos e de realizar ações intolerantes.

Se todos temos preconceitos, como diz a almofada de mouse criada pelo Museu Memoria y Tolerancia, no México, mas nem todos discriminamos ou manifestamos esses preconceitos (“Todos tenemos prejuicios, pero no todos discriminamos”), vários sujeitos discursivos na internet, pela posição que ocupam nesses discursos e nesse ambiente, muitas vezes o fazem e provocam ondas de preconceito e de ações intolerantes. A internet não é a causa do preconceito e da intolerância, mas os discursos nela construídos, por suas características discursivas, facilitam ou desencadeiam a produção de discursos intolerantes e preconceituosos e sua intensa e extensa divulgação.

#### 4. Liberdade de expressão da intolerância e do preconceito

No texto “Todos tenemos prejuicios, pero no todos discriminamos”. Reflexões sobre o discurso intolerante (no prelo), procuramos discutir a questão, muito presente na imprensa brasileira, do direito à liberdade de pensamento e de expressão dos preconceitos e, mais especificamente, a do direito do político e do homem público em geral de manifestar seus preconceitos, partindo da consideração de que se o ser humano em sociedade, ao construir sua identidade, o faz em oposição ao outro, essa construção é marcada por preconceitos em relação ao “diferente”. O elemento desencadeador das reflexões foi a escolha, para presidir a Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, do Deputado Marco Feliciano, que fez declarações consideradas por muitos como racistas e homofóbicas. A discussão na imprensa era se ele tinha ou não o direito de expressar seus preconceitos, e caso tivesse, os que queriam que, por essa razão, ele deixasse a presidência da Comissão, é que eram intolerantes.

Nesse estudo, estabelecemos as características do discurso político, a partir sobretudo de trabalhos de Eric Landowski (1979, 1982, 1992 e 1997) e de José Luiz Fiorin (1988a e 1988b): é um discurso do poder, ou seja, o sujeito político é modalizado pelo poder, e seu discurso é um discurso de busca do poder; é um discurso também do saber e da verdade, pois o sujeito político, para mostrar-se confiável, constrói-se também como sujeito do saber, seja do saber sobre a sociedade, “a realidade” e os acontecimentos, seja do saber-fazer; há, no discurso político, um jogo interacional de posições e atribuições de poder entre enunciador e o enunciatário, que ocupam os lugares narrativos tanto de destinador quanto de destinatário do poder e do saber, pois o sujeito do discurso político, ao manipular seu destinatário, sempre se apresenta como um sujeito “manipulado”, “mandado”, pela nação, pela opinião pública, pelo povo, pelo partido, pelas leis econômicas, pela ordem social e moral, e assim por diante.

Na posição do poder e do saber, o sujeito político e o homem público em geral, ao expressar seus preconceitos, levam outros, que neles confiam e acreditam, às ações intolerantes de vingança, pois criam justificativas para o ódio e o medo em relação ao diferente e contribuem para o crescimento dessas paixões. Em outras palavras, ao apresentar,

da posição de sujeito do poder e do saber, “verdades” sobre os “diferentes” (os homossexuais são pedófilos ou doentes que podem ser “curados”, os imigrantes são os responsáveis pela falta de emprego ou pela insegurança, por exemplo), o discurso político intolerante, e, portanto, passional, contribui para o aumento ou mesmo para o aparecimento do preconceito, e, principalmente, das ações intolerantes de vingança contra o antissujeito que privou o destinatário desses discursos de valores morais, estéticos e econômicos.

O sujeito dos discursos na internet é, como foi apontado, colocado na posição de homem público e a ele são atribuídos o poder e o saber que caracterizam a internet. Somam-se a esses atributos a intensificação da interação e seu alargamento e alcance. O resultado são discursos em que a expressão do preconceito tão ou mais do que no discurso político, incita e justifica, com seu saber e poder, as ações intolerantes contra o “diferente”. O papel político e social dos sujeitos preconceituosos, ou seja, sua posição de poder e de saber, como homem público, político, religioso, professor, usuário da internet, mesmo que esses sujeitos não realizem ações diretas de discriminação e intolerância, leva a que outros o façam, incentivando, dessa forma, a violência contra o “diferente”. Nessas posições, é preciso, mais do que em outras, reponsabilidade no dizer e no fazer.

Foram examinados vários casos de incentivo ao preconceito e à violência, resultantes da irresponsabilidade de usuários das redes sociais, como o do linchamento no Guarujá ou o texto homofóbico de alunos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Outros podem ser acrescentados:

A imagem de sangue na escadaria foi comemorada no Facebook com frases como “bandido bom é bandido morto” (Paula Cesariano Costa, Ódio e paz social, Folha de S. Paulo, 6 de fevereiro de 2014, A2).

A professora de letras Rosa marina Meyer, da PUC-Rio deu início a uma polêmica na internet após publicar em sua conta do Facebook a foto de um homem de camiseta regata e bermuda no aeroporto Santos Dumont, no Rio. “Aeroporto ou rodoviária?”, questionou a docente. Outras pessoas postaram comentários ironizando a presença de pessoas de baixa renda nos aeroportos (“Caiu na rede de bermuda e camiseta”, de Mônica Bergamo, Folha de S. Paulo, 10 de fevereiro de 2014, E2).

Estas rápidas e provisórias reflexões sobre o discurso na internet são concluídas com uma citação de “Tribunal Facebook”, de Alan Gripp (Folha de S. Paulo, 23 de janeiro, A2), que diz que a internet é “um imenso fórum indispensável e democrático, mas também terreno fértil para conclusões apressadas e intolerância de todos os matizes”.

#### Referências bibliográficas

BARROS, Diana Luz Pessoa de (1990). Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. *Cruzeiro Semiótico*, 11/12: 60-63.

\_\_\_\_\_. (2000). Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: Preti, Dino. *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, p. 57-77.

\_\_\_\_\_. (2002). Interação em anúncios publicitários. In: Preti, Dino. *Interação na fala e escrita*. São Paulo: Humanitas, p. 17-44.

- \_\_\_\_\_ (2006). Efeitos de oralidade no texto escrito. In: Preti, Dino. *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas, p. 57-84.
- \_\_\_\_\_ (2008a). Preconceito e intolerância em gramáticas do português. In: D. L. P. de Barros e J. L. Fiorin (orgs) *A fabricação dos sentidos – estudos em homenagem a Izidoro Blikstein*. Ed. São Paulo: Humanitas, v. 1, p. 339-363.
- \_\_\_\_\_ (2008b). A identidade intolerante no discurso separatista. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, v. 9, p. 147-167.
- \_\_\_\_\_ (2008c). Discurso, indivíduo e sociedade: preconceito e intolerância em relação à linguagem. In: *O discurso nos domínios da linguagem e da história*. São Carlos – SP: Ed. Claraluz, v. 1.
- \_\_\_\_\_ (2011a). Efeitos da oralidade em gêneros discursivos diferentes. In: Dino Preti. (Org.). *Variações na fala e na escrita*. 1 ed. São Paulo: Humanitas, 2011, v. 11, p. 209-242.
- \_\_\_\_\_ (2011b). A construção discursiva dos discursos intolerantes. In: BARROS, Diana L. P. de. *Preconceito e intolerância. Reflexões linguístico-discursivas*. São Paulo: Editora Mackenzie, p.255-270.
- FIORIN, José Luiz (1988a). *O regime de 1964. Discurso e ideologia*. São Paulo: Atual.
- \_\_\_\_\_ (1988b). *Linguagem e ideologia*. São Paulo, Ática.
- \_\_\_\_\_ (1992). Algumas considerações sobre o medo e a vergonha. *Cruzeiro Semiótico*, nº 16, p.55-63.
- \_\_\_\_\_ (1996). *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática.
- FONTANILLE, Jacques e ZILBERBERG, Claude. (2001). *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas (original francês de 1988).
- GREIMAS, Algirdas Julien (1983). *Du sens II*. Paris, Éditions du Seuil.
- GREIMAS, A. J. e FONTANILLE, J. (1993). *Semiótica das paixões*. São Paulo, Ática.
- LANDOWSKI, Eric (1979). Du politique au politologique. In: Greimas, A. J. et Landowski, E. *Introduction à l'analyse du discours en sciences sociales*. Paris: Hachette, p. 103-127.
- \_\_\_\_\_ (1982). Les discours du pouvoir. In: J-C Coquet. *Sémiotique L'école de Paris*. Paris: Hachette, p. 151-172.
- \_\_\_\_\_ (1992). A sociedade refletida: ensaios de sociossemiótica. São Paulo: EDUC/Pontes (original francês de 1989).
- \_\_\_\_\_ (1997). *Présences de l'autre*. Paris, PUF.
- OTMAN, Iuri M. (1981). Semiótica dos conceitos de “vergonha” e “medo”. In: LOTMAN, I. M. et alii. *Ensaio de semiótica soviética*, Lisboa: Horizonte, p. 237-240.
- ZILBERBERG, Claude (2006). *Éléments de grammaire tensive*, Limoges, Pulim.